

Esta edição reúne oito artigos que, por diferentes caminhos, retomam uma questão central às clínicas fenomenológico-existenciais: como compreender o sofrimento quando o mundo deixa de oferecer, de modo estável, suas referências de sentido, linguagem, ética e evidência? Ao abordar temas como angústia, ansiedade, depressão e luto, assim como discussões filosófico-metodológicas da psicopatologia fenomenológica e reflexões sobre linguagem e alteridade, o conjunto dos trabalhos reafirma a experiência vivida como horizonte incontornável da compreensão clínica.

Um primeiro eixo da edição se delineia em torno de experiências que interpelam diretamente os fundamentos da clínica. O artigo *Ansiedade como experiência de fronteira: uma perspectiva fenomenológica-gestáltica* de Laura Perls, de Beatriz Evangelista de Araújo e Lorena Schalken de Andrade, retoma a ansiedade como fenômeno relacional que responde às demandas do ambiente, articulando-a à autopreservação, ao contato e ao desenvolvimento de *awareness*. Nessa direção, destaca a pesquisa qualitativa-fenomenológica como caminho para ampliar a compreensão da complexidade da experiência ansiosa, considerando as dimensões interseccionais que influenciam a percepção e as relações da pessoa com o mundo. Em perspectiva próxima, embora situada em outra tradição humanista, *Conceito de ansiedade na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa*, Hétone Rodrigues Rocha e Andréa Batista de Andrade Castelo Branco, revisita a noção de ansiedade no campo rogeriano, apontando a ausência de uma definição única e a preocupação em distingui-la da angústia. O artigo propõe uma síntese conceitual que compreende a ansiedade como resposta afetiva do organismo diante de aspectos da realidade que ameaçam o autoconceito e tornam visíveis determinadas incongruências. Em diálogo, os dois textos contribuem para uma escuta clínica mais sensível e mais precisa, ao mostrarem que certos sofrimentos pedem nomeação diagnóstica, enquanto outros exigem, antes de tudo, atenção fenomenológica à liberdade, à ameaça e à produção de sentido.

A edição também se volta para sofrimentos que, muitas vezes, têm sido reduzidos a leituras individualizantes, recolocando-os como fenômenos de campo, atravessados por dimensões históricas, éticas e relacionais. Em *Depressão como ajustamento criativo na contemporaneidade: Revisão narrativa à luz da Gestalt-terapia*, Luis Fernando Velasco Silva e Deyseane Maria Araújo Lima propõem compreender a depressão para além da ideia de esgotamento individual, tomando-a como expressão de um sofrimento ligado à alienação de si e à fragmentação das relações. Tal leitura convoca uma clínica ética, estética e politicamente implicada com o tempo presente. Já *Um olhar gestáltico sobre o luto dos profissionais da saúde na COVID-19*, de Igor Lima de Sousa Barros, Isabel Regiane Cardoso do Nascimento, Eleonora Pereira Melo, Marcus Wanderley Silveira e Felipe Saraiva Nunes de Pinho, aborda a experiência de perda vivida por profissionais que, ao mesmo tempo em que cuidavam, também sofriam os efeitos da morte, da sobrecarga e da exaustão contínua. O estudo evidencia dificuldades na abordagem do luto, racionalizações afetivas presentes na relação entre equipe e paciente e processos identitários que atravessam esse sofrimento, interpretando-os como *gestalten* incompletas e deflexões de contato. Assim, depressão e luto aparecem, nesta edição, não como falhas individuais, mas como modos de organização da existência em contextos nos quais o mundo se torna excessivo, ameaçador ou, por vezes, inviável.

Um segundo eixo da edição concentra-se na dimensão expressiva e relacional da clínica. O artigo *Silêncio, fala e expressão: A linguagem na Gestalt-terapia em diálogo com a fenomenologia e a arte em Merleau-Ponty*, de Eduardo de Sequeira Cremer e Monica Botelho Alvim, recoloca o silêncio não como ausência, mas como condição de emergência da palavra e de novos sentidos. Em diálogo com Merleau-Ponty e com sua reflexão sobre a arte, especialmente a partir do texto sobre Cézanne, o artigo compreende a palavra como fenômeno encarnado, inseparável do mundo vivido. Com isso, desloca a ideia de que a fala se origina apenas no pensamento e amplia a compreensão da linguagem na clínica, abrindo espaço para uma escuta que também se realiza na pausa, na hesitação, na atmosfera e naquilo que ainda não chegou a se dizer.

A questão ética comparece, então, como dimensão constitutiva do cuidado. Em *A ética da alteridade como fundamento para o cuidado do outro: Diálogos entre Emmanuel Lévinas e a Gestalt-terapia*, Amanda Requião Teixeira, Priscila Pires Alves, Ozanan Vicente Carrara, o diálogo com Lévinas radicaliza a pergunta sobre a quem respondemos no encontro clínico: ao eu e seus projetos ou ao outro em sua singularidade irreduzível? O texto propõe um modelo de cuidado ético-relacional em que a primazia do outro desafia perspectivas centradas exclusivamente no eu, destacando hospitalidade e responsabilidade como núcleos de uma prática psicoterapêutica comprometida. Nessa direção, o cuidado deixa de ser entendido como simples aplicação de procedimentos e passa a ser pensado como presença ética, sensível e situada.

O terceiro eixo aprofunda o diálogo com a psicopatologia fenomenológica e com seus instrumentos de leitura da experiência. Em *A falta de habitualidade com as regras do jogo da vida cotidiana na esquizofrenia*:

Sobre a perda da evidência natural em Wolfgang Blankenburg, Jordy Sartori Tamura e Guilherme Peres Mesas descrevem a experiência esquizofrênica como perda da evidência natural, isto é, como dificuldade radical de reconhecer e sustentar as regras implícitas que tornam a vida cotidiana familiar e compartilhável. O artigo retoma o pensamento de Blankenburg a partir do caso de Anne Rau e mobiliza noções heideggerianas para compreender como tal perda se manifesta em estranheza, falta de tato e desorganização. Em diálogo com essa discussão, Compreensão e estrutura na psicopatologia fenomenológica: A crítica de Jaspers a Straus e Gebattel, de Hernani Pereira dos Santos, examina os limites e os pressupostos epistemológicos do método compreensivo em psicopatologia, retomando a crítica de Jaspers à noção de estruturas subjacentes da experiência e recolocando o problema à luz da fenomenologia genética. Em registros distintos, ambos os textos reafirmam a importância de uma psicopatologia que não se contente em explicar o sofrimento de fora, mas busque descrevê-lo e compreendê-lo a partir da própria experiência vivida.

Tomados em conjunto, os artigos desta edição oferecem uma contribuição relevante para a reflexão clínica e teórica no campo das abordagens fenomenológico-existenciais. Em um tempo marcado pela aceleração, pela hiperexigência e pela busca de respostas imediatas, os textos aqui reunidos reafirmam a importância de sustentar a complexidade da experiência, sem perder de vista o sofrimento concreto. Entre angústia e ansiedade, entre depressão e luto, entre palavra e silêncio, entre ética e alteridade, entre compreensão e estrutura, delineia-se um horizonte comum: o da clínica como espaço de acolhimento, elaboração e retomada de sentido.

Que esta edição fortaleça o diálogo entre pesquisadores, leitores e clínicos que, na Gestalt-terapia e nas fenomenologias afins, seguem comprometidos com a tarefa de pensar a experiência e de cuidar do outro sem reduzi-lo àquilo que já se sabe sobre ele.

Celana Cardoso Andrade

Dionatans Godoy Quinhones

Adriano Furtado Holanda